

Encontros Desencontrados em 4 Atos

*Letícia Garcia Ribeiro Dyniewicz**

“A menina dança dentro da menina”

A sensação de estar no mundo errado jamais lhe abandonara. Ainda mais amargo era saber-se desajeitada no lugar onde lhe colocavam. Sabe o jogo de achar países? Ela acabava sempre na Espanha, mesmo desejando a França. Quando lhe parece rosa é cinza. Na esperança de o cinza se colorir, joga conversa fora. Vacila e pisa em falso. Volta pra casa com a cabeça desaguando em desentendimento. O animal perfeito esconde-se. Foge. Ela está prestes a matá-lo. Mas ele é bravo como a avó com medo da seca. Um dia, o rosa vem. De novo. Ela sempre desejara um vermelho desconfiado daqueles. Sem provar. Mas lhe parece tão gostoso. Sente o gosto de brincadeira. daquelas que ninguém está preocupado com a medalha. Os gritos pulam da boca das crianças. É como se ela voltasse a acreditar que pode convidar alguém para o gira-gira. Lembra das cores dos olhos fechados? Pode ser que elas existam mesmo sem sol.

Chicletes, bituca e todo sentimento do mundo

Encontrou grudado na sola do sapato um pedaço de chicletes e uma bituca de cigarro. Ficou tanto tempo ali colado escondendo os segredos daquela noite. Calaram as palavras. Mas o corpo falou como nunca. Desbravava sem medo as articulações em movimentos deliciosos. Rostos colaram. Ela queria super bonder. Ele, durex. Ah, quem inventou o descartável? Foi esse talzinho aí que assassinou o amor à distância. A virtualidade do coração cortou a verdade do corpo. A dança desmaia. O pé volta para o ponto de partida, enquanto os olhos já comeram o sentimento do outro. A sensibilidade das palavras não se encaixa na frieza do desencontro. Braço pressionado contra o outro. Desejos desfilam beijos molhados. As pintinhas encontram-se escondidas no escuro de um deslizar de palmas das mãos. O amortecimento dos dias silencia a dança. O sapato, a bituca, o chiclete, uma flor feita em trinta segundos e todo sentimento do mundo...

* Mestranda em Filosofia e Teoria do Direito pelo Curso de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Graduanda em Letras-Português/UFSC. Bolsista CNPQ. Membro dos grupos de pesquisa: Justiça, Democracia e Constituição/UFSC e Direito e Literatura/UFSC.

Filme antes do fim

Um par de calças vermelha levantava seu pé direito. Nada via. Não enxergava o gosto do mundo. Desenhava suas cores pelo corpo. Numa noite à toa deparou-se com um sorriso. Não era desses que ela via todos os dias. Nem cabia dentro da sua caixinha. Ganhava um doce novo. Cenas coloridas povoaram seu mundo caótico. Não, ela não queria repetir a história. Mas seus sentidos falhavam mais uma vez. Perdia a audição. Escutava apenas dois olhos negros. A dança podia fazer o filme rodar. Sentia o gira-mundo. O peão caleidoscópico lhe mostrava novas poesias. Voltava pelo mesmo caminho. Ansiava ver o fim do filme. Não queria que a história se arrastasse. Os ponteiros do relógio ganharam vida. As folhas do calendário apontavam para o ano-novo. Como? O inverno nem havia começado... Não podia controlar as imagens. Ao mesmo tempo, vestia aquela saia mais uma vez. Sabia que seus passos descompassados lhe faziam tropeçar. Dessa vez não. O zíper não combinava. Que tal trocar? Podiam ser botões. Risca o braço. Pontilha as pernas. A linha desenvolve-se para fora de si. A intensidade lhe nauseaia. Não entende o silêncio do tempo. Quando pousa um passarinho na árvore, por que não faz dela seu ninho? Outros olhos desejavam seus suspiros cheios de vontade. Outras vozes gostariam de encontrar com sua língua. Mas o corpo da criatura pedia aquelas entrelinhas. Suas entranhas se aqueceram de conversinhas sem sentido. Ela entendia a riqueza das palavras que se desfazem no vai-e-vem do trabalho. Despejava todo seu rio caudaloso de desejos. Corre, corre, corre! O filme termina antes de ela chegar do outro lado.

Tempo sem amor

Os olhos que queimam a moça também fazem despedaçar aos poucos a vontade de sentir-se bem. O cheiro que lhe enterneceu deve sempre ser mantido à distância. Não importa o quão fresquinho e doce lhe pareça. Corpos que não precisam de encontros. Gente livre... Aprisionam pelo timbre da voz. A moça sabe que não pode desejar pedaços, fragmentos, restos. Continua a pulsar. O rio não se acalma mais. Parece hora de rasgar o papel da ilusão. O mar lhe engole, lhe suga. Deixar que a beleza cruel e trágica dos olhos andem por caminhos só seus. Eles não querem dividir seu brilho. A boca se recusa a gostar da outra. Dilacera, estirpa, mata. Não consegue se despedir. A dor, a mão, o beijo. 7 dias, muitas horas, risos e vontades. Engula o choro, moça! Foi-se o tempo de menina. Onde já se viu perder tempo com o amor?